

**Serra, F. (Ed.). (2021). Fotografia impressa e propaganda em Portugal no Estado Novo. Muga. 395 pp. ISBN 978-84-09-31538-3
(edição bilingue português/inglês)**

Teresa Mendes Flores

(Instituto de Comunicação da Nova, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da
Universidade Nova de Lisboa)

Morada postal institucional: ICNOVA, Campus de Campolide, Colégio Almada Negreiros,
Gabinete 348, 1099-032 Lisboa, Portugal)

(teresaflores@fesh.unl.pt)

ORCID: 0000-0002-8866-3129

Teresa Mendes Flores é historiadora de fotografia e cinema e investigadora em arqueologia dos *media*, em cultura visual e semiótica. Doutorada em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa (2010), é investigadora do ICNOVA e Professora Auxiliar na Universidade Lusófona. Codiretora da Revista de Comunicação e Linguagens, foi IP do projeto FCT “O impulso fotográfico” e cocuradora da exposição com o mesmo nome. Atualmente, integra a equipa dos projetos “Curiositas” (PTDC/COM-OUT/4851/2021) e “Decolonising the panorama of Congo” (H2020). Os seus interesses incluem cultura visual, arqueologia dos *media* óticos e imersivos, fotografia em contextos coloniais, questões de género e estudos pós-coloniais e de memória.

Resumo (PT): Resultado de um projeto de investigação sobre os usos propagandísticos da fotografia nos livros, catálogos, álbuns e revistas do período entre 1934-1974, foi editado em 2021 o livro *Fotografia impressa e propaganda em Portugal no Estado Novo*, com organização de Filomena Serra, de que aqui se faz a recensão. Com um *design* cuidado e textos em português e inglês, esta edição constitui um contributo e uma sistematização muito importantes para melhor compreendermos a história portuguesa da fotografia e do espaço público visual que constituiu, no caso especial da persuasão pública, cujos métodos importa, hoje, estudar face ao papel quase omnipresente da fotografia nos novos espaços públicos virtuais, atravessados por desafiantes formas de propaganda.

Palavras-chave: fotografia, propaganda, Estado Novo, fotografia impressa, fotolivros.

Abstract (EN): Resulting from a research project on the propagandistic uses of photography in books, catalogues, albums and magazines from the period ranging between 1934-1974, the book *Photography and Propaganda in Portugal during the Estado Novo*, organised by Filomena Serra, was published in 2021. With a careful design and texts in Portuguese and English, this edition is a very important contribution and systematisation for a better understanding of the Portuguese history of photography and the visual public space it constituted, in the particular case of public persuasion, whose methods must be studied today, given the almost omnipresent role of photography in the new virtual public spaces, crossed by challenging forms of propaganda.

Keywords: photography, propaganda, Estado Novo, print photography, photobooks

Fotografia e propaganda em Portugal

O livro *Fotografia impressa e propaganda em Portugal no Estado Novo* apresenta uma seleção de publicações editadas ou apoiadas pelo Secretariado da Propaganda Nacional/ Secretariado Nacional da Informação (SPN/SNI), durante o período de 1934-1974, nas quais a fotografia desempenhou um papel central enquanto meio de propaganda. O livro demonstra a implicação, o efetivo interesse e o investimento do Estado Novo na utilização da fotografia impressa como meio de propaganda, sendo mais um contributo para desfazer a ideia de que o regime de Salazar, pela sua reconhecida austeridade, não aderiria particularmente às imagens. Nesse sentido, esta obra concorre para tornar mais evidentes estes usos, as suas metodologias e as formas estéticas no campo específico das publicações de livros, revistas, catálogos, etc., vindo integrar um conjunto de estudos sobre a cultura visual do Estado Novo, que têm surgido na historiografia portuguesa nas suas mais variadas vertentes, sobretudo, na última década (como a completa bibliografia da obra dá conta).

Organizado por Filomena Serra, investigadora integrada do Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa, este livro resulta de um projeto de investigação financiado pela FCT (“Fotografia impressa. Imagem e Propaganda em Portugal, 1934-1974”) e de uma exposição que esteve patente ao público entre maio e setembro de 2019, na Biblioteca Nacional de Portugal, entidade detentora do espólio editorial do SPN/SNI.¹ Os elementos da equipa e algumas pessoas relacionadas com esta área de investigação apresentam cada uma das cinquenta publicações selecionadas, reproduzem as capas e algumas páginas interiores de cada título e uma ficha técnica, onde destacam, sempre que identificados, os fotógrafos (maioritariamente homens) que trabalharam para a publicação em foco. Esta apresentação organiza os títulos cronologicamente em quatro capítulos temáticos, os quais correspondem às funções propagandísticas (ou contrapropagandísticas) identificadas pela investigação: representações performativas; realizações materiais; retóricas do corpo; e contradiscursos e contraimagens.

¹ Trata-se da exposição *Fotografia impressa e propaganda visual em Portugal (1934-1974)*, que decorreu entre 20 de maio e 13 de setembro de 2019, comissariada por Filomena Serra e Paula André. Associou-se a esta mostra o Colóquio Internacional *Quando a fotografia impressa faz a história. Viagem ao imaginário de uma época*, a 21 de maio do mesmo ano. Filomena Serra foi a Investigadora Principal deste projeto de investigação.

Trabalhando sobre um conjunto tão alargado de publicações, não é fácil encontrar as formas adequadas para tratar tanta informação, tendo-se optado por constituir fichas informativas e analíticas de cada título, concisas mas sempre contextualizadoras, compondo-se um catálogo organizado que podemos ler de forma não linear. Esta solução cumpre uma função heurística muito importante, dando ao leitor e à comunidade académica em particular a possibilidade de um olhar panorâmico sobre a diversidade e a evolução estética dos usos da fotografia na folha impressa.

Afirma-se, com este trabalho, o campo de estudos da imagem pública e do espaço público visual que se tornou preponderante na história das sociedades industrializadas após a invenção da fotografia, em 1839, com a distribuição em massa de várias formas fotográficas. A relação da imagem fotográfica com o livro é imediata à sua invenção, sendo exemplos o primeiro livro de cianotipias da botânica Anna Atkins (1799-1871), publicado em 1843 (*Photographs of British algae: Cyanotype impressions*), ou *The pencil of Nature*, de William Henry Fox Talbot (1800-1877), inventor de um dos processos fotográficos, distribuído em fascículos em 1844, neste caso colando fotografias diretamente nas páginas do livro, pois não era possível imprimi-las nas páginas de uma publicação tipográfica. Não é por acaso que é também de Fox Talbot a primeira patente, logo em 1852, do processo de meios-tons com uso de uma tela, que permitia a divisão da imagem em pontos e a sua impressão com tinta, demonstrando que desde a invenção da imagem fotográfica se tentou solucionar tecnicamente este problema e se encarou o livro e a página impressa como veículos próprios deste novo tipo de imagem, cuja história se deve fazer também como parte da história das artes gráficas e tipográficas e não, apenas, como parte da história da pintura.

Contudo, ao longo do século XIX, os processos mais comuns de produção de imagens em massa em suportes impressos permaneceram as diversas formas de gravura, mesmo copiando imagens fotográficas para facilitar os processos (e conferir veridicção às próprias gravuras). Repare-se que surge logo no ano seguinte à apresentação da fotografia, na sua forma de imagem única – o daguerreótipo –, em 1840, o livro de gravuras baseado neste tipo fotográfico, intitulado, não por acaso, *Excursions daguerriennes. Vues et monuments les plus remarquables du globe*, publicado por Larebours e Fizeau.

Este desvio histórico até um momento muito anterior ao tratado na edição em análise justifica-se para corroborar o que é aí afirmado quanto à importância da fotografia impressa no moldar de um imaginário público visual, em particular, precisamente, no

período em estudo: “Reler a história da fotografia à luz da página impressa – o que designámos como «fotografia impressa» – e não da imagem individualizada do fotógrafo parece fazer assim todo o sentido” (p. 23). Este é um sentido que se sustenta não apenas no extenso conjunto de publicações do Estado Novo, como na análise do projeto propagandístico enunciado e desenvolvido, desde logo, pelo primeiro diretor do SPN/SNI, o escritor e jornalista António Ferro (1895-1956). Ferro implementa o que designa por “Política do Espírito”, em que a fotografia é encarada como símbolo do que é moderno e inovador, como elemento aglutinador das massas, capaz de embelezar o quotidiano e as obras do estado (harmonizando-se com as campanhas “do bom gosto”, que também preconizou). Socorrendo-se das potencialidades referenciais e denotativas da fotografia enquanto índice dos assuntos que representa, e da sua receção como *medium* essencialmente realista, a fotografia foi percecionada pelo regime fascista português, a par do que se passava com outros regimes ditatoriais, como um meio apetecível para a persuasão pela credibilidade que auferia e pela facilidade com que a sua mensagem é distribuída e compreendida pelos públicos. Como bem documenta esta edição:

[A] fotografia documental e reportagens fotográficas seriam o suporte comunicativo de exposições e edições. Gráficos e fotógrafos e até cineastas, a par de arquitectos e outros artistas visuais, muitos deles familiarizados com os novos modelos da propaganda alemã, italiana e soviética, foram chamados a fazer parte das equipas de trabalho de Ferro (p. 23).

Isso fica amplamente demonstrado neste trabalho, quando folheamos os diversos títulos apresentados, uns encomendas diretas do SPN/SNI, outros alinhados com o regime, que dispunha de fortes restrições não apenas à liberdade de empresa, como também à liberdade de imprensa, através da censura. Alguns exemplos importantes são o *Notícias Ilustrado* (1928-1935), o *Bandarra* (1935-36), o *Século Ilustrado* (1938-1977) ou a *Panorama: Revista portuguesa de arte e turismo* (1941-1973), nas quais participaram renomados fotógrafos e *designers* gráficos portugueses (fotógrafos e fotógrafas como Horácio Novais, Mário Novais, Octávio Bobone, Eduardo Gageiro, Beatriz Ferreira, Salazar Diniz, Augusto Cabrita, Estúdio Fotografia Alvão, António Duarte, António Passaporte, J. Benoliel, San Payo, Dulce Perestrello, entre outros e outras).

Uma história da fotografia portuguesa através da página impressa

No texto introdutório, assinado por Filomena Serra, Paula André e Manuel Villaverde Cabral, que foram, por sua vez, responsáveis das diversas secções, tanto da exposição quanto dos capítulos do livro, traça-se a história deste diálogo entre fotografia e texto, as suas diversas tendências ao longo do período. Destacam-se as influências das vanguardas europeias e dos grandes projetos editoriais europeus tanto noticiosos, como a revista *AIZ* alemã ou a francesa *Vu* (p. 25), como mais propagandísticos, onde pontuam os construtivistas da escola soviética e o artista russo El Lissitzky – grande influência na montagem de exposições, a que o Estado Novo dará muita atenção – ou o artista húngaro radicado em Berlim, László Moholy-Nagy, a escola da Bauhaus ou o movimento da Nova Tipografia – influências que Ferro vai chamar para o serviço do projeto nacionalista e imperialista do Estado Novo e da desejável fabricação de um movimento de massas, organizado e corporativista, com cada um e cada uma no seu “lugar” mais útil socialmente, definido este pelo Chefe máximo, e onde a visualidade, construída fotograficamente e em novos arranjos gráficos, é tão eficaz que dela ainda recebemos o lastro. O texto destaca, numa fase mais associada a Ferro, o uso das montagens fotográficas e, posteriormente, a influência da fotografia documental *straight* e humanista, em particular no pós-guerra, tendência estética que também será chamada a interpretar as grandes obras do Estado.

Muitas destas realizações associam-se à função de performatizar os valores do Estado Novo, nestas edições de revistas, exposições e seus catálogos e em fotolivros e álbuns fotográficos, ou nas fotorreportagens modernas (primeiro capítulo, “Representações performativas”). No segundo capítulo, destacam-se as obras públicas e as campanhas de restauro de monumentos, num plano de construção de memórias históricas em torno do mito dos descobrimentos e da vocação imperial portuguesa (capítulo “Realizações materiais”), que culmina com uma interessante reflexão e mostra de edições que destacam o papel do chefe e as construções de género, tipificadas no binarismo masculino/feminino, (capítulo “Retóricas do corpo”). Adquirindo uma dimensão etnográfica, explícita ou implícita, reúnem-se aqui as publicações que retratam as grandes figuras do estado, como o General Carmona ou Salazar, este último fotografado com a jornalista Christine Garnier, que sobre ele publica um livro, numa campanha que pretendia humanizar o chefe de Estado. A mocidade portuguesa e os povos colonizados surgem também representados em inúmeras publicações através de um olhar etnográfico que idealiza a sua felicidade e pertença ao mundo do “luso-tropicalismo”, como é o caso do *Álbum de penteados do*

Sudoeste de Angola, de Carlos Estermann, publicado em 1960, que, podendo ter outras intenções, é aproveitado para este ideário do império “de Minho a Timor”.

Mas esta obra não termina sem desvendar algumas das possíveis contravisualidades que iam passando pelas malhas da censura, no capítulo final, “Contra-discursos e Contra-imagens”, irrompendo quer de olhares estrangeiros quer de olhares nacionais. No primeiro caso, destaco o livro “turístico” de Elizabeth Colman *Portugal, Wharf of Europe* (1944), com a sua capa exibindo fotografias de pescadores da Nazaré e de Cascais, numa aparente referência à etnografia popular imaginada pelo Estado Novo. No segundo caso, surge aqui com especial destaque o livro de Maria Lamas *As mulheres do meu país* (1948-1950). A antiga jornalista e feminista mostrava, neste trabalho que associa texto e fotografias (muitas delas de sua autoria), as reais condições de vida das mulheres portuguesas. Com um estilo muito pessoal e um certo gosto etnográfico, crítica as idealizações e os estereótipos da felicidade rural ou doméstica que abundavam na propaganda do Estado Novo sobre as mulheres. Revistas de cinema, publicações de artistas neo-realistas e surrealistas, e o fotolivro português mais emblemático da nossa história visual — *Lisboa “Cidade triste e alegre”*, de Victor Paula e Costa Martins (1959) – são outros tantos exemplos que fazem deste livro uma obra marcante de história da fotografia, história da propaganda no Estado Novo e história do espaço público visual, incontornável para quem queira entrar nesta interessante área de estudo.

REFERÊNCIAS

Atkins, A. (1843). *Photographs of British algae: Cyanotype impressions*. Author’s edition.

Lerebours, N. P. & Fizeau, H. (1840). *Excursions daguerriennes. Vues et monuments les plus remarquables du globe*. Rittner et Goupil, Lerebours et Bossange.

Serra, F. (Ed.). (2021). *Fotografia impressa e propaganda em Portugal no Estado Novo*. Muga. ISBN 978-84-09-31538-3.

Talbot, W. H. F. (1844). *The Pencil of Nature*. Longman, Brown, Green and Longmans. <https://www.gutenberg.org/files/33447/33447-pdf.pdf> [Ebook 33447].